

LATIM E CIÊNCIA: PERSPECTIVAS NA TRADUÇÃO DO LATIM CIENTÍFICO

Leonardo Ferreira Kaltner

RESUMO

Consiste o presente artigo em um estudo sobre as perspectivas interdisciplinares que se apresentam na tradução de textos científicos, tendo como eixo de debate os Estudos de Tradução, a Linguística Textual e a Língua Latina. Apresentamos a tradução de um excerto da *Historia Naturalis Palmarum* (História Natural das Palmeiras), escrita no século XIX, pelo botânico Carl Friedrich Philipp von Martius (1794 – 1868), um dos pioneiros na descrição da flora brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos de Tradução; Linguística Textual; Língua Latina

Introdução

O campo de pesquisas relativo aos Estudos de Tradução pode ser considerado como um dos mais interdisciplinares da área de Letras e Linguística, tendo em vista que, historicamente, a prática social da tradução de textos é justamente o ato de fazer culturas diferentes se comunicarem, de forma dialógica e intercultural, através do processo de leitura. Logo, podemos considerar o processo de tradução de textos como uma extensão do processo de leitura, que se constitui também como uma prática social e interacionista (CARDOSO-SILVA, 2006, p. 23).

Por conseguinte, buscamos, no presente artigo, debater esta interdisciplinaridade dos Estudos de Tradução, a partir de questões relativas a três áreas do saber, que dialogam e interagem com esse campo de pesquisas – os Estudos

Culturais, a Linguística Textual e a Língua Latina. Analisamos a questão da “tradutibilidade” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 133), a partir da observação de objeto de estudos específico, cujo *corpus* textual compõe de obras escritas em Latim Científico no século XIX e a sua tradução para o português no século XXI, fim de estabelecer uma leitura interdisciplinar, de forma coerente.

Dividimos, assim, o presente estudo em quatro seções. Nas duas primeiras partes do artigo, debatemos pressupostos teóricos em relação à área de Estudos de Tradução; em seguida, analisamos a interdisciplinaridade desses estudos com o processo de ensino-aprendizagem das Línguas Clássicas, sobretudo da Língua Latina. Por fim, apresentamos uma aplicação dos conceitos na tradução do excerto de uma obra escrita e publicada em Latim Científico, no século XIX.

Em nossas considerações, teremos a Linguística Textual e seu aparato contemporâneo como referencial metodológico, para debater as possibilidades de uma análise linguística do processo de tradução de textos, já que tal processo transcende os estudos linguísticos sobre a frase. Buscamos, dessa forma, apresentar considerações teóricas sobre a prática da tradução textual e o seu contexto na formação profissional da área de Letras e Linguística, no século XXI.

Os estudos de tradução na época da globalização e o latim clássico

A pesquisa teórica sobre os Estudos de Tradução mostra-se, atualmente, um campo de pesquisas com muitas possibilidades. Em relação à área de Línguas Clássicas, por exemplo, a tradução dos textos das Culturas da Antiguidade Clássica para a língua materna é um tópico central desde o início do processo de ensino-aprendizagem, tanto do Grego, quanto do Latim Clássico, em contextos nacionais diversos. Ao mesmo tempo, no Brasil, do século XXI, em que há uma primazia pela internacionalização das Universidades, o processo de tradução de textos ganha relevo, na medida em que torna acessível o conhecimento internacional para leitores, cuja língua materna é o Português, favorecendo, assim, o diálogo entre diversas áreas do saber.

Dessa forma, a tradução de textos científicos é uma maneira de viabilizar a internacionalização do conhecimento, sendo este um processo que dinamiza e internacionaliza as ciências em contextos diversos. Assim, selecionamos,

como exemplo de análise, um texto científico da área de Botânica, do século XIX, escrito em Latim, como veremos mais adiante.

Buscamos interpretar e evidenciar, em nossa análise, a tradução de textos dentro de seu contexto antropológico (FAULHABER, 2008, p. 1), enquanto uma prática cultural, constitutiva do processo de ensino-aprendizagem de Línguas Clássicas. Por outro lado, se considerarmos que a formação do tradutor contemporâneo se dá em uma perspectiva intercultural, em que o seu trabalho de tradução possibilita a comunicação de duas culturas que se valem de línguas distintas, entendemos que os estudos de tradução são um campo de pesquisa que dialogam também com os Estudos Culturais; sendo, assim, a tradução de textos um processo intercultural. Logo, esse processo possibilita, a título de exemplo, relações interculturais, ao estabelecer, através da leitura, um diálogo entre culturas diversas.

Nessa perspectiva, o processo de tradução de textos, sobretudo os científicos, favoreceria o que Milton Santos considerou como uma “globalização mais humana” (SANTOS, 2001, p. 20-21), já que a prática da tradução desse gênero textual pode se configurar como um elemento potencializador da sociodiversidade. Dessa forma, seja como processo de ensino-aprendizagem de Línguas Clássicas e Estrangeiras, seja enquanto veículo de potencialização das relações interculturais de uma sociedade contemporânea globalizada, analisamos, por fim, no presente artigo, o processo de tradução de textos como uma prática fundamental para o desenvolvimento das áreas de Letras e Linguística no Brasil do século XXI.

Já nas Culturas da Antiguidade Clássica, alguns autores exercitaram a prática da tradução textual. Na época da República, em Roma, com o início das anexações de províncias falantes de línguas diversas do latim, foi introduzido o costume da tradução, sobretudo de textos gregos para a Língua Latina. Dentro da tradição da Literatura Latina, temos Lívio Andronico, pseudônimo de um escravo grego, que verteu os poemas homéricos para o Latim, sendo, provavelmente, o introdutor dessa prática em Roma, no início do período de helenização (CARDOSO, 2003, p. 7-8). Além da tradução de textos propriamente dita, também no teatro romano encontramos exemplos da adaptação de textos gregos para a Língua Latina (ALBRECHT, 1997, p. 174), a chamada *contaminatio*. Entretanto, será somente no final da época republicana em Roma que teremos, na obra de Cícero, considerações acerca do ofício de

tradução e uma menção às técnicas a serem empregadas nesse processo, em relação à formação do orador latino (CICERO, 1561, p. 6).

O filósofo estoico Cícero, *Marcus Tullius Cicero* (100 – 43 a.C.), cuja obra compreende um dos maiores patrimônios da Cultura Clássica Latina, legou-nos algumas observações sobre a prática da tradução textual, que poderiam ser pertinentes até os dias atuais para um debate teórico sobre a prática de traduzir. Entre suas diversas obras, podemos destacar o tratado filosófico sobre oratória *De optimo genere oratorum*, em que se apresentam passagens sobre o uso de obras gregas para o desenvolvimento de discursos, *orationes*, em latim. Dessa forma, há a oposição entre o *interpretes* e o *orator* (VIEIRA, 2006, p. 25-35), o que colocaria em confronto a tradução literal e a livre adaptação, ou paráfrase, com finalidade de se constituir um novo discurso, como uma *aemulatio* de um texto original grego, que serviria de inspiração. Logo, a prática da tradução de textos, do grego para o latim, seria parte formal da educação do *orator* romano, sendo a *aemulatio*, de certa forma, uma antecipação do conceito de “tradução cultural”.

Já na época contemporânea, podemos aquilatar o valor social da prática da tradução de textos a partir dos Estudos Culturais, sobretudo aqueles que se vinculam ao campo de análise dos processos interculturais e internacionais, mais especificamente os estudos que se remetem à teoria da globalização e à análise das migrações pós-coloniais. Afinal, o espaço cultural da tradução textual constitui-se, no mundo globalizado, um espaço de interação, um entrelugar, em que o ato de leitura e escrita transgridem as fronteiras culturais, o que faculta aos leitores participarem de contextos diversos e refletirem sobre a sua própria identidade. Desse modo, os Estudos de Tradução, enquanto Estudos Culturais, dialogam interdisciplinarmente com os estudos do processo de globalização. Nesse sentido, convém ressaltarmos que o paradoxo da “tradução cultural”, em uma tensão entre a identidade e a universalidade de culturas que se diferenciam em relação à sua mútua “tradutibilidade”, é patente no século XXI, em contextos que vão além das práticas linguísticas, relacionando-se a questões como migrações e conflitos culturais, como evidencia o professor indiano Homi K. Bhabha:

Ao ser traduzido por Sufyan para a orientação dos migrantes pós-coloniais, o problema consiste em saber se o cruzamento

de fronteiras culturais permite a libertação da essência do eu (Lucrecio) ou se, como a cera, a migração só muda a superfície da alma, preservando a identidade sob suas formas proteicas (Ovídio) (BHABHA, 1998, p. 308).

Por outro lado, podemos notar que, linguisticamente, o conceito de “tradutibilidade” apresenta uma interface dos Estudos de Tradução com a área de Linguística Textual, sobretudo em relação à concepção de “intertextualidade”, o que ocorre na prática linguística da tradução de um texto. Dessa forma, essa convergência se apresenta a partir do momento em que podemos vislumbrar de um texto como uma retextualização (COSTA, 2005, p. 27-28), ou até mesmo uma reprodução textual, por ser uma produção oriunda de um referente textual, cuja relação apresenta-se com base no processo de “intertextualidade”: “A intertextualidade compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos (KOCH, 2013, p. 42) ”.

Desse modo, a tradução pode ser considerada por si só um gênero textual, que tem como referente obrigatório outro texto, diferindo apenas entre ambos os textos o seu contexto linguístico, isto é, o uso específico de um ou outro sistema linguístico e a relação texto original/tradução. Logo, o conceito de “intertextualidade”, oriundo da Linguística Textual, pode se aplicar ao processo de tradução de textos, apresentando, assim, uma interface da Linguística Textual com os Estudos de Tradução, o que poderia fazer dialogar ambas as áreas de investigação:

A intertextualidade *stricto sensu* ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva (*domínio estendido da referência*, cf. Garrot, 1985) dos interlocutores.

A intertextualidade será explícita quando, no próprio texto é feita a menção à fonte do intertexto, como acontece nas citações, referências, menções, resumos, resenhas e traduções, na argumentação por recurso à autoridade, bem como, em se

tratando de situações de interação face a face, nas retomadas do texto do parceiro, para encadear sobre ele ou contraditá-lo (KOCH, 2013, p. 145-146).

No contexto da Linguística Textual, outro aspecto de análise de traduções, que pode dialogar com os Estudos de Tradução, é a análise de “gêneros textuais”, por exemplo, podendo-se descrever a tradução como um gênero textual específico, pautado na intertextualidade. Todavia, o processo de tradução, que envolve, sobretudo, a comparação entre dois sistemas linguísticos distintos, possui outra interface, que também dialoga com a antiga prática filológica comparatista, e que, na Linguística Textual, poderia ser vinculada ao projeto de desenvolvimento de uma Gramática Textual, como a proposta por Petöfi, por exemplo, conforme apresentam Leonor Fávero e Ingedore Koch:

Petöfi postula ser este modelo de gramática apto a tonar possível: a) a *análise de textos*, isto é, a atribuição a uma manifestação linear de todas as bases textuais possíveis; b) a *síntese de textos*, ou seja, a geração de todas as bases textuais; c) a *comparação de textos*.

Assim, a partir do confronto de um determinado texto original com suas diversas traduções, em variados sistemas linguísticos, o processo comparativo pode se constituir também como um objeto de estudos e fenômeno de observação do funcionamento de diferentes sistemas linguísticos, a fim de facultar o desenvolvimento de uma gramática textual comum a esses sistemas. Dessa forma, o processo de “intertextualidade” pode ir além da comparação de uma só tradução com o texto original, havendo a possibilidade de se estabelecer a comparação de traduções diversas com o texto original, como um método para a comparação entre vários sistemas de escrita.

Podemos notar, portanto, que os Estudos de Tradução, enquanto campo de produção acadêmica e científica, posicionam-se de forma interdisciplinar, pondo-se em contato com diversas áreas do saber, inclusive com a Linguística Textual. Logo, podemos inferir que esse campo de investigações pode ser metodologicamente considerado complexo e até mesmo transdisciplinar, com base nos pressupostos científicos, elencados pelo sociólogo francês Edgar

Morin, acerca da complexidade e da transdisciplinaridade científicas da Idade Contemporânea (MORIN, 2005, p. 135-140).

Assim, a análise sobre o processo de tradução de um texto pode tornar-se uma importante ferramenta, no século XXI, para que a Linguística Textual, por exemplo, atinja o seu ideal de desenvolvimento de uma gramática textual. O processo da análise de tradução de textos, portanto, poderia favorecer o desenvolvimento da gramática desejada pelos gerativistas, como Noan Chomsky, por exemplo (CHOMSKY, 2013).

A tradução em perspectiva intercultural: o latim clássico

Nosso artigo tem, por escopo, analisar a interdisciplinaridade entre a Língua Latina e os Estudos de Tradução, a partir de uma perspectiva metodológica vinculada à Linguística Textual e à tradução de textos escritos em Latim Científico para a língua portuguesa contemporânea. Devemos, entretanto, considerar que a relação entre a Língua Latina e a Língua Portuguesa, língua materna do povo brasileiro e língua administrativa da República Federativa do Brasil, conforme o 13º Artigo, IV Capítulo, II Título da *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988* (BRASIL, 2013), difere sutilmente da relação entre duas línguas estrangeiras modernas.

Dessa forma, traduzir um texto que foi, originalmente, escrito em Língua Latina para a Língua Portuguesa contemporânea é um processo que difere um pouco mais do que a tradução entre textos escritos em línguas estrangeiras que representam identidades nacionais diversas. Assim, apresenta-se uma especificidade neste tipo de tradução pelo fato de a relação entre o Latim e o Português poder se considerar, numa perspectiva diacrônica, uma relação entre dois estágios da mesma língua (FARIA, 1995, p. 32). Isso fica patente também na tradução de textos científicos escritos em Latim, da área de Botânica do século XIX, por exemplo, em que a escolha do autor pela Língua Latina ultrapassava a perspectiva da escolha de um idioma por sua aproximação com alguma identidade nacional moderna.

O Latim, língua oriunda de um dialeto indo-europeu, o Itálico, desenvolveu-se, em sua variante clássica, entre os séculos I a.C. – I d.C., época que também ficou conhecida como a “Idade de Ouro” da Literatura Clássica Latina (FARIA, 1970, p. 40-41). Como desse dialeto só possuímos documentos

textuais, podemos delimitar esse período histórico do uso do Latim Clássico na escrita a partir do ano de 81 a.C., com a publicação do primeiro discurso de *Marcus Tullius Cicero* (CARDOSO, 2003, p. 152), tendo como marco final o assassinato de Nero em 68 d.C., o último imperador da dinastia júlio-claudiana, a *Gens Iulia*, dinastia esta que teria alcançado seu apogeu a partir da conquista da Gália, por Júlio Gaio César (100 – 44 a.C.), e com a vitória na batalha do Ácio de Octaviano (63 a.C. – 14 d.C.), consagrado o primeiro imperador romano com o título de César Augusto (SYME, 2009, p. 53).

Desse modo, o uso da escrita, nesse intervalo de quase um século, influenciaria profundamente no mundo ocidental nos séculos seguintes, ao ponto de ter se desenvolvido, nessa época, um dialeto a partir do uso da escrita – o Latim Clássico. Dialeto este que esteve em uso, no Ocidente, da queda de Roma até a gramaticalização das línguas modernas, entre as quais algumas neolatinas surgidas diretamente do Latim Vulgar, o *Sermo Vulgaris*. Praticamente todas as línguas ocidentais foram gramaticalizadas pelo Latim Clássico, conforme comenta Anna Giacalone Ramat:

The use of Latin throughout Europe in Late Antiquity and the Middle Ages can be taken as the socio-cultural factor behind this and other similar changes which occurred very early in Romance languages. Faced with the task of using Romance vernaculars for written purposes, literate people may have tried to reproduce Latin grammatical models (LOPEZ-COUSO, 2008, p. 151-152).

Entretanto, além do Latim Clássico, *Sermo Classicus* ou *Sermo Latinus*, dialeto adotado na escrita e também pela aristocracia erudita, geralmente conhecedora do Grego Clássico, que influenciou profundamente na escrita ocidental, o Latim que era falado por grande massa da população romana, conhecido por Latim Vulgar, *Sermo Vulgaris*, seria aquele que sofreria intensas alterações após a queda do Império Romano, dialetando-se e transformando-se no “Romance”, ou “Romanço”, e, posteriormente, nas Línguas Neolatinas, sendo uma dessas a Língua Portuguesa. Para a Linguística ou Filologia Românica que adota o método histórico-comparativo, o principal interesse de pesquisa concentra-se no Latim Vulgar (BASSETO, 2001, p. 87).

Dessa forma, podemos notar que a tradução atual de textos escritos em Latim Clássico para o Português do Brasil do século XXI é um complexo fenômeno de observação, já que apresenta o confronto entre dois sistemas linguísticos e de escrita que, de certa maneira, interagiram e formaram certa unidade durante séculos, podendo ser considerados também como etapas diferentes da história de um mesmo contexto linguístico. Isso ocorre devido à norma culta ou o dialeto padrão da escrita em Português poder ser descrito e analisado como um dialeto oriundo do processo de gramaticalização da Língua Portuguesa a partir do Latim Clássico, o que ocorreu com as demais línguas ocidentais através de séculos de uso, tendo sido o Português, posteriormente, transladado da Europa, a partir do século XVI, para as Américas, no caso do Brasil (CASAGRANDE, 2005, p. 75).

O Latim Clássico serviu como base de gramaticalização de praticamente todos os sistemas de escrita das línguas ocidentais, mesmo aquelas que não tiveram a sua origem diretamente vinculada ao grupo de línguas neolatinas que surgiram após a queda do Império Romano, durante a Idade Média. A tal ponto se desenvolveu essa influência que até os dias atuais o alfabeto latino é comum às línguas ocidentais:

Today about 4.8 billion people, over three-quarters of humanity, live in countries that use an alphabet or a writing system modified from an alphabet. About 26 major alphabetic scripts are in place worldwide. The International Three are the Roman, Arabic and Cyrillic alphabets, each serving multiple nations and languages.

Our own familiar alphabet is the Roman, bequeathed to Western Europe by the Roman Empire and today the most popular script on Earth – weighing in at about 100 principal languages, 120 countries, and nearly 2 billion users worldwide (SACKS, 2003, p. 2).

Dessa forma, a adoção e a normatização da escrita, no mundo ocidental, estão profundamente vinculadas ao uso do Latim Clássico fora de seu contexto de criação entre os séculos I a.C. e I d.C., o que realça a importância e a atualidade dos Estudos Clássicos, sobretudo em relação à aquisição de competências

linguísticas relativas à leitura e à escrita no mundo ocidental. Logo, desde os primórdios da escrita das Línguas Neolatinas, os primeiros letrados das civilizações ocidentais compreenderam que há uma diferença entre a aquisição da linguagem pela fala e a adoção da escrita, e não há necessariamente uma identidade contígua entre ambos os processos, o que se demonstra no uso do Latim Clássico como parâmetro para a gramaticalização das línguas modernas. Assim, na época renascentista, entre os séculos XIV e XVI, por exemplo, a escrita em Língua Latina era uma prática ainda comum nas Universidades, tanto quanto a tradução de textos em outras línguas, como as línguas modernas, o Grego e o Hebraico para o Latim humanístico (BOTLEY, 2004, p. 103).

Atualmente, em línguas como o Francês, por exemplo, a escrita etimológica, de base latina, diferencia-se e afasta-se muito da fonética específica da língua corrente. Assim, há elementos etimológicos e morfológicos na escrita que se registram como resquício de antigos traços fonéticos que não são mais pronunciados no universo de falantes da língua, como o fonema final /s/, marca de plural, pronunciado até o século XIII (VIDOS, 2008, p. 29). Na Língua Portuguesa adotada no Brasil, o critério etimológico, de base latina também, define, em grande parte, o padrão ortográfico, tendo em vista que a adoção da escrita em todas as civilizações humanas foi um processo gradual e nunca houve um sistema de escrita que fosse, a tal ponto, similar à fala, que pudesse representá-la fidedignamente e tivesse valor universal. Essa concepção encontra-se corroborada por grande maioria dos filólogos:

O latim e a ortografia nas línguas românicas e no português estão muito diretamente interligados, porque a ortografia é convenção normativa para a língua culta e, por isto, precisa ter fundamentos seguros, um dos quais é a etimologia e o segundo é a sua evolução fonética (SILVA, 2012, p. 20-29).

Desse modo, a fala e a escrita são processos que diferem entre si. O processo de tradução de textos, mais do que o confronto e diálogo intercultural entre dois sistemas linguísticos diferentes, é um movimento dialético que ocorre entre dois sistemas de escrita, tendo, por base, uma gramática textual comum a ambos os textos, cujo principal traço distintivo é a tradutibilidade, ou seja, a possibilidade de se traduzir um texto de um sistema de escrita para outro.

O latim científico: uma modalidade de latim dos séculos XVIII e XIX

O Latim empregado por Carl Friedrich Philipp von Martius, em suas obras de Botânica, foi uma modalidade de Língua Latina que ainda se praticava, com intensidade, no contexto das Universidades europeias dos séculos XVIII e XIX, tendo uma renovação a partir das publicações do botânico e zoólogo Carl von Linné (1707 – 1778), também conhecido por *Carolus Linnaeus* e Lineu (GUNNARSON, 2011, p. 8).

Lineu, que foi autor das obras *Systema Naturae* (Sistema da Natureza), *Philosophia Botanica* (Filosofia Botânica), entre outras, fomentou, com suas publicações, inúmeros debates sobre a questão da descrição da natureza pela linguagem científica, o que acarretaria, no século XIX, uma abundância de obras escritas por naturalistas com a finalidade de se desenvolver uma História Natural com base no método empírico de observação e descrição dos reinos naturais em sua diversidade. A Língua Latina seria o seu principal veículo de expressão.

No presente artigo, analisamos questões relacionadas à tradução de textos escritos em Latim Científico, cujo *corpus* de trabalho se constitui de um vasto capítulo da História das Ciências Naturais, com numerosas publicações científicas, editadas em Latim. Deste vasto *corpus* de trabalho, selecionamos as obras do naturalista alemão Carl Friedrich Philipp von Martius (1794 – 1868) para análise, um dos cientistas pioneiros na descrição da flora brasileira (KALTNER, 2013). Mais adiante, dedicamos uma seção do artigo a analisar o contexto em que se desenvolveram as suas obras, escritas em Latim, sobre a natureza brasileira: a Missão Austro – Alemã, que percorreria o Brasil entre os anos de 1817 e 1820.

Dessa forma, considerando-se o Latim Científico uma variante dialetal do Latim Clássico, podemos inferir que, em suas dimensões social e histórica, esta variante linguística ganha maior expressão e relevo nos séculos XVIII e XIX, a partir da revolução científica do Iluminismo (COHEN, 1987, p. 197-212), que resultou também na renovação das chamadas Ciências Naturais ou Ciências da Natureza. Para analisarmos o Latim Científico empregado por Carl Friedrich Philipp von Martius, em relação ao uso da Língua Latina, certamente as melhores fontes para uma eventual comparação situam-se na Literatura Latina Clássica.

Entre os autores da Literatura Clássica, podemos destacar, sobretudo, aqueles autores que fizeram da Natureza e da Medicina o tema de suas obras, escritas na Roma Clássica e Pós-Clássica. Logo, podemos citar: o *De Rerum Natura*, de Lucrécio; a *Historia Naturalis*, de Plínio o Velho; o *De Medicina*, de Celso; entre outros autores que escreveram indiretamente sobre o tema, fornecendo os conceitos, as descrições e o léxico que os humanistas e os naturalistas utilizariam no período dos séculos XV ao XIX, no desenvolvimento das Ciências Modernas.

Além dos autores do período clássico, há ainda diversos autores novilatinos que escreveram sobre o tema da natureza brasileira, entre os séculos XVI e XVIII, antes da vinda de Carl Friedrich Philipp von Martius ao Brasil. Temos, por exemplo, uma carta de Anchieta, escrita no século XVI, a *Epistola quamplurimarum rerum naturalium* (ANCHIETA, 1799). Já no século XVII, há a obra *Historiae Rerum Naturalium Brasiliae Libri Octo*, escrita e publicada no período de ocupação holandesa no Brasil, em 1648, à época de Maurício de Nassau (PISONIS & LIEBSTAD, 1648). Anteriormente, havia sido publicada, no contexto do Renascimento francês, também a versão latina da *Historia Navigationis in Brasilliam quae et America dicitur*, escrita por Jean de Lery e editada em tradução latina no ano de 1586. Há, nessa obra, capítulos dedicados à descrição da natureza brasileira (LERY, 1586). Logo, esses autores já delinearíamos alguns passos para a descrição sistemática da natureza brasileira em um momento anterior à vinda de Carl Friedrich Philipp von Martius ao Brasil, em 1817.

A vinda da Missão Científica Austro-Alemã ao Brasil, em 1817, vinculou-se ao contexto da transferência da Coroa portuguesa ao Brasil, ocorrida em 1808, devido à violência das guerras napoleônicas. Sob os auspícios e o financiamento do rei Maximiliano I, da Baviera, a Missão Austro-Alemã compunha o séquito de D. Maria Leopoldina de Áustria, princesa da Casa dos Habsburgos, que viria casar-se com o futuro D. Pedro I (SCHUMAHER, 2000, p. 324-327). Ao mesmo tempo, a Missão Austro-Alemã viria ao Brasil com o intuito de coletar espécimes naturais e de descrever a natureza das Américas, favorecendo aos Institutos de Pesquisa de Viena e de Munique, sobretudo. Nesse contexto, o historiador Bóris Fausto comenta a passagem desta missão no Brasil:

Além deles, vieram ao Brasil cientistas e viajantes estrangeiros, como o naturalista e mineralogista inglês John Mawe, o zoólogo

bávaro Spix e o botânico Martius, também bávaro, o naturalista francês Saint-Hillaire, autores de trabalhos que são uma fonte indispensável para o conhecimento daquela época (FAUSTO, 2006, p. 69).

Logo, o trabalho acadêmico da Missão Científica Austro-Alemã, que percorreria o Brasil entre os anos de 1817 e 1820, teria como resultante a edição e publicação de obras de botânica que seriam fundamentais para a divulgação, no meio acadêmico europeu do século XIX, da variedade da flora brasileira (ADAM, 2005, p. 809). Ao mesmo tempo, a Missão Astro-Alemã estaria inserida no contexto da Independência do Brasil, em um momento em que o período colonial seria superado, ainda que a escravidão fosse mantida no sistema de produção agrário monocultor e latifundiário brasileiro, baseado na cafeicultura a partir de então (RIBEIRO, 2003, p. 393-394).

Nesse contexto, a referida Missão Científica Austro-Alemã, liderada pelo botânico Carl Friedrich Philipp von Martius e pelo zoólogo Johann Baptiste von Spix, que inicialmente acompanhou o séquito real de D. Maria Leopoldina de Áustria, mãe do imperador D. Pedro II, desbravou o território brasileiro ao longo de três anos de expedição, atingindo um território que não fora visitado por Alexander von Humboldt e apresentando, assim, aos círculos científicos da época, uma nova visão da natureza das Américas. Dessa forma, o Brasil integrava-se, *ex abrupto*, ao circuito internacional das Ciências Naturais e do conhecimento acadêmico europeu.

Entre as obras de Carl Friedrich Philipp von Martius, podemos elencar textos escritos e publicados em Latim e em Alemão. Ao mesmo tempo, suas principais obras possuem por eixo temático o Brasil do século XIX, seja a sociedade brasileira, às vésperas da Independência, na *Reise in Brasilien* (Viagem ao Brasil), seja a flora brasileira, na enciclopédica *Flora Brasiliensis*. Por outro lado, uma de suas mais interessantes obras é o *Glossarium Linguarum Brasiliensium*, editado também em Latim, que contém um vasto panorama dos dialetos indígenas do século XIX.

Logo, o autor registra, em sua obra, assim como os outros cientistas que compuseram a Missão Austro-Alemã e posteriormente a Missão Francesa, o contexto cultural e histórico à época da Independência do Brasil (CANDIDO, 2004, p. 10-11).

Um exemplo de trabalho de tradução e de análise: a *historia naturalis palmarum*

Carl Friedrich Philipp von Martius foi um cientista bastante produtivo. Suas obras foram escritas em Língua Alemã e em Língua Latina, como supracitado, sendo a escolha por esta última delimitada pela necessidade de expressar-se de forma internacional, no século XIX. A título de exemplificação, citamos a seguir, em uma breve relação, as principais publicações de Carl Friedrich Philipp von Martius em Latim Científico. Convém, entretanto, citar que a obra *Flora Brasiliensis*, seu principal texto, constitui-se de um tratado enciclopédico, com a descrição de 22.767 espécies, organizados em 15 volumes, com 40 partes, totalizando 10.367 páginas (CRIA, 2013), escritas em Latim, sobre a flora brasileira.

Recentemente, o Centro de Referência em Informação Ambiental (CRIA), sediado em São Paulo, através do projeto *Flora Brasiliensis online*, disponibilizou uma versão digitalizada de toda a obra. Simultaneamente, encontramos também disponibilizado em um sítio, o *Botanicus*, textos oriundos da biblioteca do Missouri Botanical Garden (MISSOURI BOTANICAL GARDEN, 2013), iniciativa esta que se principiou a partir de 1995, e que, atualmente, conta com uma biblioteca virtual variada, em que se encontra grande maioria das obras do naturalista alemão Carl Friedrich Philipp von Martius.

Na tabela a seguir, apresentamos algumas obras publicadas por Carl von Martius, em Latim Científico, que tiveram a natureza do Brasil como tema:

Tabela 1. Obras em Latim de Carl Friedrich Philipp von Martius

Título da Obra	Ano de Edição
<i>Historia Naturalis Palmarum</i>	1823 a 1850
<i>Nova genera et species plantarum</i>	1824 a 1832
<i>Specimen materiae medicae Brasiliensis</i>	1824
<i>Icones plantarum cryptogamicarum</i>	1828 a 1834
<i>Flora Brasiliensis</i>	1840 a 1906
<i>Systema materiae medicae vegetabilis brasiliensis</i>	1846

Para exemplificação do processo de tradução de um texto em latim científico, selecionamos um excerto da *Historia Naturalis Palmarum* referente à descrição do *genus* das *Hyospathae*. Na tradução, podemos notar que a maioria dos termos latinos é recriada em Língua Portuguesa como neologismos por não haver um vocabulário científico na língua, além daquele de base latina.

Imagem 1: Carl Friedrich Philipp von Martius (1794 – 1868)



I – *Hyospathae* (MARTIUS, [s.d.], p. 1)

CHARACTER ESSENTIALIS

MONOICA in eodem spadice. Spatha duplex. Flores sessiles. MASC. Calyx monophyllus, trifidus. Corolla tripetala. Stamina sex. Rudimentum pistilli. FOEM. Calyx triphyllus. Corolla tripetala. Ovarium triloculare. Stigmata tria, sessilia. Bacca monosperma. Embryo basilaris.

CHARACTER NATURALIS

MONOICA in eodem spadice. Spatha duplex, lanceolata, membranacea. Flores terni, medio foemineo, antice solummodo masculi, sessiles. MASC. Calyx monophyllus, cupularis, trifidus. Corolla tripetala, petalis lanceolatis. Stamina sex, filamentis filiformibus, antheris brevibus lineari-oblongis. Pistilli rudimentum minimum. FOEM. Calyx triphyllus, foliolis ovatis concavis imbricatis. Corolla tripetala, petalis ovalis concavis imbricatis. Ovarium ovatum, triloculare, loculis duobus abortivis. Stigmata tria, sessilia, revoluta. Bacca ovata, monosperma, stigmatibus tandem basilaribus notata. Albumen corneum, aequabile, solidum. Embryo conicus, basilaris.

HABITUS. Palma humilior, caudice arundinaceo, frondibus irregulariter pinnato-fissis. Spadices plerumque plures in eodem individuo, axillares, spathis frondibusque defluentibus denudati, ramosi, ramis simplicibus, fructiferis rectangulo-patentibus.

STATIO ET HABITATIO in udis umbrosis suffocatis sylvarum sub Aequatore sitarum.

ETYMOLOGIA e graeco a nomine speciei ab Indis indito Tajassu-ubi, quod est folium porcinum, tamquam Palma suilla.

Tradução

I- Hyospathae

Caraterística essencial

Monoica no mesmo espádice. Folha em forma de espata dupla. Flores sésseis. Masculinas: Cálice monófilo, trífilo. Corola tripétala. Seis estames. Rudimento de pistilo (gineceu). Femininas: Cálice trífilo. Corola tripétala. Ovário trilocular. Três estigmas, sésseis. Baga monosperma. Embrião basal.

Característica Natural

Monoica no mesmo espádice. Folha em forma de espata dupla, laceolada, membranácea. Flores de três em três, a do meio feminina, anteriormente apenas masculinas, sésseis. **Masculinas:** Cálice monófilo, provido de cúpula, trífilo. Corola tripétala, com pétalas laceoladas. Seis estames, com filetes filiformes, com anteras curtas, linearmente oblongas. Um rudimento mínimo de pistilo. **Femininas:** Cálice trífilo, com folíolos ovoides imbricados concavamente. Corola tripétala, com pétalas ovoides imbricadas concavamente. Ovário ovoide, trilocular, com dois lóculos abortados. Três estigmas, sésseis,

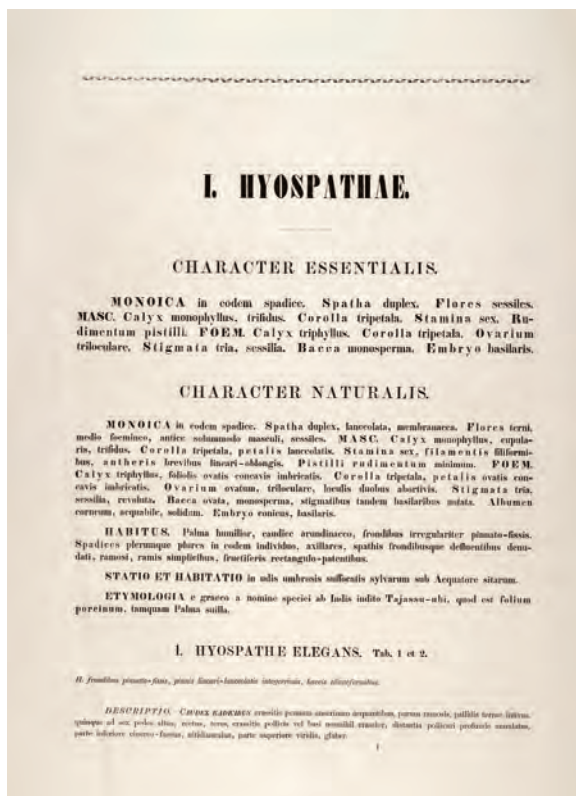
voltados para trás. Baga ovoide, monosperma, marcada ao fim por estigmas basais. Albúmen córneo, uniforme, sólido. Embrião cônico, basal.

Forma: Palmeira mais baixa, com tronco parecido com a cana, com folhas irregularmente fendidas por penado. Espádices, em geral, múltiplos no mesmo indivíduo, axilares, desnudos nas folhas espatuladas e nas folhagens que escorrem, ramosos, com ramos simples, com elementos frutíferos, apresentando-se de forma retangular.

Estação e morada: em regiões úmidas e sombrias, cercadas de florestas, localizadas sob o Equador.

Etimologia: oriunda do grego a partir do nome da espécie implantado pelos índios: Tajassu-ubi, que significa folha-de-porco, tanto quanto palmeira suína.

Imagem 2. *Historia Naturalis Palmarum*



Conclusão

A título de conclusão, podemos inferir que o diálogo entre os Estudos de Tradução e a Linguística Textual são produtivos, à medida que ambas abordagens metodológicas possuem afinidades por terem como objeto de estudos o texto. A Linguística Textual é um ramo da Linguística que se desenvolveu, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX (WIESER & KOCH, 2009, p. 17-19). Seu desenvolvimento histórico é advindo do contexto de Universidades, grupos de pesquisa e estudos relacionados, principalmente, à tradição acadêmica da Alemanha (FÁVERO, 2012, p. 15). Já os Estudos de Tradução, surgidos ao longo do século XX, também adquiriram seu espaço e se afirmam, em diversos contextos no século XXI, como uma nova área de pesquisas, como Katharina Reiss e Hans Vermeer defendem, por exemplo (*Apud* FUJIHARA & COELHO, 2008, p. 7-10).

Podemos evidenciar o surgimento e a atuação de sociedades e associações de pesquisadores internacionais na área de Estudos da Tradução, como a *International Association for Translation and Intercultural Studies* (IATIS), a qual se vinculam a *European Society for Translation Studies*, fundada em Viena em 1992, e a *American Translation and Interpreting Studies Association* (ATISA), entre outras.

No Brasil, há a *Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução* (ABRAPT) e a *Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes* (ABRATES). Logo, podemos notar que, a partir do início da época da globalização, no final do século XX, o processo de tradução conforma um importante instrumento de diálogo intercultural. Do mesmo, o surgimento de sociedades e associações internacionais buscam aproximar profissionais e pesquisadores de tradução, a fim de inserir esta prática no contexto da pesquisa acadêmica no século XXI.

A interdisciplinaridade possível entre a área de Linguística Textual e o campo de investigações dos Estudos de Tradução apresenta-se, principalmente, em relação à terceira fase de desenvolvimento deste ramo da Linguística, a fase das “teorias do texto”. Se, na primeira fase, a Linguística Textual ateu-se, inicialmente, ao estudo e à análise dos enunciados, com base na concepção de que o texto é uma “sequência coerente de enunciados”, que possuem entre si uma relação de “referência”, como encontramos na obra de Isenberg, por exemplo; na segunda e na terceira fases, em que surgem as gramáticas textuais

e, com efeito, o estudo pragmático do texto, oriundos de diversas teorias relacionadas ao âmbito de estudos da produção, recepção e transmissão de textos. Temos, por conseguinte, uma teoria que poderia dialogar com os Estudos de Tradução. Dessa forma, o processo de tradução de textos pode ser analisado enquanto um processo de recepção e de produção textual, que ocorre simultaneamente, ou seja, a “intertextualidade”.

Ao buscarmos analisar a textualidade de uma tradução, podemos chegar a descrevê-la, efetivamente, por um processo de “retextualização”, o que levaria a tradução de textos não mais ao domínio da produção textual, mas ao domínio da reprodução de um texto, com a passagem de um sistema linguístico a outro (TRAVAGLIA, 2003, p. 63), como evidenciamos, exemplificando com o excerto de um texto do naturalista alemão Carl Friedrich Philipp von Martius.

Como se trata de um excerto de um texto científico, a função gnosiológica (THIELMANN, 2013) do texto original, a sua “construção do sentido”, enquanto fator textual, é um dos principais aspectos a ser preservado na tradução. Dessa forma, a construção do conhecimento científico, na qualidade de objeto textual, é o fenômeno linguístico que permeia a produção textual na área científica e direciona o processo de tradução de textos científicos. A construção do conhecimento, portanto, é a principal função de um texto científico, caracterizando o uso da linguagem escrita pela ciência, o que deve ser preservado na tradução.

A tradução de textos científicos, por outro viés, pode ser considerada sob diversificados aspectos em relação aos Estudos de Tradução e à Linguística Textual. Se, por um lado, a tradução de obras poéticas e ficcionais constituiu-se como área afim com os Estudos Culturais; por outro, a tradução de textos científicos pode ser vislumbrada por uma interdisciplinaridade com a Sociologia da Ciência, campo de atuação em que é patente a análise da ciência em sua perspectiva histórica e social, como define Thomas Kuhn:

O historiador da ciência que examinar as pesquisas do passado a partir da perspectiva da historiografia contemporânea pode sentir-se tentado a proclamar que, quando mudam os paradigmas, muda com eles o próprio mundo. Guiados por um novo paradigma, os cientistas adotam novos instrumentos

e orientam seu olhar em novas direções. E o que é ainda mais importante: durante as revoluções, os cientistas veem coisas novas e diferentes quando, empregando instrumentos familiares, olham para os mesmos pontos já examinados anteriormente (KUHN, 2006, p. 147).

Dessa forma, o uso social e histórico da linguagem escrita pela ciência é um dos fenômenos que podem ser observados e analisados, interdisciplinarmente, por meio da aplicação de elementos dos Estudos da Tradução e da metodologia da Linguística Textual, na tradução de textos científicos. O que, por fim, favorece o processo de tradução dos textos e a análise linguística de obras científicas, como procuramos demonstrar.

Referências

- ADAM, Thomas (org.). *Germany and the Amerikas*. Santa Barbara: ABC – CLIO, 2005.
- ALBRECHT, Michael von. *A History of Roman Litterature*. Leiden: E. J. Brill, 1997.
- ANCHIETA, Joseph de. *Epistola quamplurimarum rerum naturalium quae S. Vincentii (nunc S. Pauli) Provinciam incolunt sistens descriptione*. Olisipone: Academia Scientiarum Regia, 1799.
- BASSETO, Bruno Fregni. *Elementos de Filologia Românica*. São Paulo: EdUsp, 2001.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BOTLEY, Paul. *Latin Translation in Renaissance*. Cambridge: Unversity Press, 2004.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. *Casa Civil*, http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm, 05/08/2013.
- CANDIDO, Antônio. *O romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2004.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. *A Literatura Latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CARDOSO-SILVA, Emanuel. *Prática de Leitura: sentido e intertextualidade*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

- CASAGRANDE, Nancy dos Santos. *A implantação da língua portuguesa no Brasil do século XVI*. São Paulo: EDUC, 2005.
- CHOMSKY, Noan. A Linguística como uma Ciência Natural, *SciELO*, http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93131997000200006&script=sci_art-text, 03/08/2013.
- CICERO. *De optimo genere oratorum*. Parisiis: Sub Typographia Thomae Ricardi, 1561.
- COHEN, I. Bernard. *Revolution in Science*. Cambridge: Bellknap Press, 1987.
- COSTA, Walter Carlos. O texto traduzido como re-textualização. *Cadernos de Tradução*, 16: 25-54, Santa Catarina, 2005.
- CRIA. Flora Brasiliensis. *Centro de Referência em Informação Ambiental*, <http://florabrasiliensis.cria.org.br/>, 15/08/2013.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. *Cartografia dos Estudos Culturais – Uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010
- FARIA, Ernesto. *Gramática da Língua Latina*. Brasília: FAE, 1995.
- FARIA, Ernesto. *Fonética Histórica do Latim*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.
- FAULHABER, Priscila. Etnografia e Tradução Cultural em Antropologia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 3: 1-4, Belém, 2008.
- FAUSTO, Bóris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2006.
- FÁVERO, Leonor Lopes & KOCH, Ingedore G. V. *Linguística Textual – Introdução*. São Paulo: Cortez, 2012.
- FUJIHARA, Álvaro Kasuaki & COELHO, Livy Maria Real. Interface entre Linguística Textual e Teoria da Tradução. *Anais do Celsul*, 8: 1-11, Porto Alegre, 2008.
- GUNNARSON, Britt-Louise (org.). *Languages of Science in the Eighteenth Century*. Berlin: Walter de Gruyter, 2011.
- Historia Naturalis Palmarum, *Internet Archive*, <http://archive.org/stream/mobot31753000744802#page/n10/mode/1up>, 16/08/2013 (Image courtesy Missouri Botanical Garden. <http://www.botanicus.org/>).
- Historia Naturalis Palmarum, *Internet Archive*, <http://archive.org/stream/mobot31753000744794#page/n9/mode/2up>, 16/08/2013 (Image courtesy Missouri Botanical Garden. <http://www.botanicus.org/>).

KALTNER, Leonardo Ferreira. Anotações sobre a biografia do naturalista alemão Carl Friedrich Philipp von Martius. *Brasil-Europa*, <http://revista.brasil-europa.eu/139/Kaltner-Von-Martius.html>, 08/08/2013.

KOCH, Ingedore G. V. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KUHN, Thomas. *A estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LÉRY, Jean de. *Historia Nauiogationis in Brasilliam, quae et America dicitur*. Excudebat Eusthatius Vignon, 1586.

LÓPEZ-COUSO, Maria José (org.). *Rethinking Grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 2008.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von & al. *Historia Naturalis Palmarum. Lipsiae*: T. O. Weigel, [s.d.].

MISSOURI BOTANICAL GARDEN, *Botanicus*, <http://www.botanicus.org/browse>, 15/08/2013.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PISONIS, Guilielmi & LIEBSTAD, Georgi Marcgravi de. *Historia Naturalis Brasiliae*. Ludguni Batavorum: Apud Franciscum Hackium, 1648.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SACKS, David. *Language Visible*. New York: Broadway Books, 2003.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. São Paulo: Record, 2001.

SCHUMAHER, Schuma (org.). *Dicionário Mulheres do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SILVA, José Pereira da. A Importância do Latim para o Ensino de Língua Portuguesa. *Revista Philologus*, 54: 20 – 29, Rio de Janeiro, 2012.

SYME, Ronald & al. *Augustus*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009.

THIELMANN, Winfried. Zur Einzelsprachenspezifik wissenschaftlichen Sprachausbaus im gnoseologischen Funktionsbereich von Sprache. *Linguistik Online*, http://www.linguistik-online.de/52_12/thielmann.pdf, 16/08/2013.

TRAVAGLIA, Neuza Gonçalves. *Tradução e retextualização: a tradução numa perspectiva textual*. Uberlândia: Edufu, 2003.

VIDOS, Benedek Elemér. *Manual de Linguística Românica*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2008.

VIEIRA, Bruno. Cícero e seu projeto tradutório. *Calíope*, 15: 25 – 35, Rio de Janeiro, 2006.

WIESER, Hans Peter & KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.). *Linguística Textual: perspectivas alemãs*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

LATIN AND SCIENCE: PERSPECTIVES ON TRANSLATION OF THE NEO-LATIN ON SCIENCE

ABSTRACT

This paper consists in a study of interdisciplinary perspectives that arise in the translation of scientific texts, from the Translation Studies, Linguistics, *Textlinguistik* (Text Linguistic) and Latin Language. Here is the translation of an excerpt from *Historia Naturalis Palmarum* (Natural History of Palms), written in the nineteenth century by the botanist Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), a pioneer in the description of the Brazilian flora.

KEYWORDS: Translation Studies; Text Linguistics; Latin Language

Recebido em: 12/08/2013

Aprovado em: 15/10/2013